

## O BENZEDOR DE COBRAS

*Anderson Braga Horta*

Sebastião das Cobras. Tião das Cobras. Tião Cobreiro não — não gostava. Arredio, fechado, misterioso, ninguém nunca soube como vivia, exceto que andarilhava, sem hora diurna ou noturna, por matas e escampas, por vales e montanhas. Morava apartado. Nunca o viram trabalhar, comprar, pedir, cozinhar, comer... De sua chaminé não subia fumaça; sua janela — única — não se abria jamais.

Chamado, não se fazia de difícil. Comprometia-se a retirar todas as cobras do local infestado, qualquer que fosse; desde, impunha apenas, que um lugar delimitado: quintal de casa, jardim público, terreiro de fazenda... Não concordaria em expulsar suas amadas cobrinhas do Planeta, nem para muito longe de seus passos anejos. Ah, sim, outra condição, rigorosa: não fazer ou ter feito o interessado violência contra elas.

O povo dizia que era bruxo, feiticeiro, adivinho, que tinha parte com o Demo. As beatas, persignando-se à simples menção do seu nome, diziam-no o próprio Capeta.

Não cobrava pelo serviço.

Com toda essa fama, era natural que o povo o procurasse e o cercasse, quando o sabia em função, a curiosidade vencendo até os escrúpulos e o medo de carolas e de crianças.

Por isso, na sede da Fazenda Bonita, próxima da entrada do arraial, no dia anunciado por Seu Quincas da Mata como o da *exorcização* de seu pedaço de terra, já bem cedinho um povaréu ia se chegando, se acotovelando, parolando, assuntando.

Quincas tomara suas cautelas. Tinha longa experiência dessas concentrações de gente ociosa. Eram fatal oportunidade para namoricos e

ciumadas, mexericos e politicalha, de repente brigas e mortes. "Facada e tiro não havemos de ter", dizia. "Quem vier pode ir se achegando, que é bem-vindo. Mas os instrumentos ficam na porteira de entrada, com o Tonhão." E ficavam mesmo, que o sorriso branco do fiel Tonhão, um preto dobrado em altura e largura, não enganava ninguém.

Tudo era um piquenique buliçoso, quando um peão gritou, fitando a estrada:

— Evém vindo!

Cessou a latomia, à aproximação encantada do Das Cobras. Tião pisava manso e mal falava. Com acenos de mão e de cabeça afastava e reunia a gentada, dispunha os grupos de modo a deixarem livres os trilhos e o caminho.

A turba o apreciava embasbacada: baixinho, franzino, seco, a pele de uma cor negra bronzeada, indecisa entre o afro e o índio, bigodinho de caboclo, pachorra de capiau, súbito uma cantoria de cantador do sertão.

Tião convoca as cobras, grave e suave. Conversa com elas, exorta-as a sair de suas tocas e moitas, explica-lhe por que lá não devem ficar — pru mor dessa gente boa que não faz mal a vivente. Às vezes estende os braços, com as mãos espalmadas, impostas em bênção.

A gentama, silenciosa, ouvia. E Tião esganicava uma espantosa canção:

*Cascavel cascavilheira  
guizozinhos de papel  
caravela em mar de poeira  
vem brincar de passa-anel*

Um frio percorria as espinhas quando, às notas e às palavras da serpentina trova, monotonamente repetidas, os primeiros ofídios emergiam dos tufo de capim, deslizando em esses de uma dança-do-ventre sinistramente voluptuosa, no rumo do benzedor.

Tião, sem mudar de tom, cantareja outra quadrinha, avultando o contraste entre a voz rústica e os versos misteriosamente distantes do entendimento geral:

*Jararaca trombeteira  
dançarina de cordel  
vem gingando marinheira  
com teus oitos de arganel*

E à medida que repete a ladainha *sui generis*, aos olhos dos circunstantes transidos, o largo da fazenda se transforma num serpentário fantástico. O mundo a pulular de seres rastejantes que passam, ignorando-os, pelos homens, mulheres e crianças hirtos, hipnotizados! As serpes vão passando e detendo-se, como em anfiteatro, defronte ao benzedor, cabezinhas mutantes, línguas vibráteis, escutando-lhe a prédica.

O ritual prossegue, para cada família uma trova, uma canção:

*Urutu mana cruzeira  
cruz na testa de revel  
vem alumiar esta feira  
com tua estrela fiel.*

Para a delicadeza das corais, varia um tanto a cantilena:

*Vem corola coralina  
coral linda de rubi  
de topázio e turmalina  
calor como nunca vi  
colar de fogo e nebrina  
vem colear por aqui*

Com o desfile das corais completam-se o quadro e os amavios.

E assobiando e cantando, ante o povilêu suspenso, Tião sai, acompanhado de um cortejo aquadrilhado de trinta cobras taludas e multidão de cobrinhas, corais de cores galantes, cascavéis marcando o passo com chocalhos requebrantes, cobras várias, venenosas, sem veneno — estas na cola das outras, sem serem chamadas —, graciosas todas elas, coleando dançarinas, colubrina procissão, cobras-verdes, caninanas, cobras-d'água, jararacas dulcificadas, amáveis, sucurizinhas festivas. À frente as urutus de estrela na testa.

Brasília, 5-6/12/1993.

---

ANDERSON BRAGA HORTA é advogado e Diretor Legislativo da Câmara dos Deputados.